

Às voltas com as formas de cortesia em galego atual

Around Honorifics in Contemporary Galician

XAVIER FRÍAS CONDE

UNED

xfrias@flog.uned.es

Recibido: enero de 2018. Aceptado: febrero de 2018

Resumo: A maioria dos manuais de língua galega passam na ponta dos pés ao se referir às formas de tratamento. Limitam-se a assinalar a diferença entre *tu/ti* por um lado e *vostê* por outro. As referências a outras formas ainda vivas, embora moribundas no idioma, são muito escassas. Por isso, neste artigo analisamos todas essas formas (*vós* de cortesia, *ele/a*, *o tio/a tia*) e mediante um sistema de etiquetagem comparamos as suas características, principalmente a dêixis do tratamento. Aliás, tentamos estabelecer qual a sua origem e o seu desenvolvimento, também do ponto de vista estrutural, visando estabelecer um quadro completo de quais as formas de cortesia em galego.

Palavras clave: Formas de cortesia, pronomes de cortesia, galego, etiquetagem, referência, paradigma.

Abstract: Most handbooks dealing with the Galician language prefer to tiptoe around the so-called honorifics. They merely mark out the differences between *tu/ti* («thou») and *vostê* (formal «you»). The references to other forms still alive, yet endangered, are quite rare. Therefore the present study aims to analyse all these forms (courtesy *vós*, *ele/a*, *o tio/a tia*) and compare their features by means of a tagging system, mainly focusing on the deixis of courtesy. Moreover, this study describes the origin and latter development of such forms, also from a structural point of view, trying to set a complete framework of which are the actual Galician courtesy forms.

Key words: Honorifics, courtesy pronouns, Galician, tagging, reference, paradigm.

1. INTRODUÇÃO

Há algum tempo fizemos um percurso pelas formas de tratamento no português atual (Frias 2011), comparando o sistema de pronomes de cortesia em galego, português europeu e brasileiro. Recentemente demos ao prelo um estudo de carácter mais geral em que estabelecíamos um quadro metodológico para estudar as ditas formas por meio de um sistema de etiquetagem (Frias & Uruburu 2017). Neste livro, estabelecíamos três eixos para a abordagem do estudo das formas de tratamento.

Em primeiro lugar, fala-se nos graus (G.^o), que vão do mais formal ao mais familiar; em segundo lugar, fala-se do paradigma da forma verbal (se é segunda ou terceira pessoa, marcada como II); finalmente, a referência (R), que no caso que nos ocupa será sempre segunda pessoa. Assim, ao estabelecermos quais as diferenças entre *tu* e *vostê*¹ em galego, baseadas no conceito de dêixis social cunhado por Calvo (2012: 140): temos uma primeira comparação muito elementar:

	<i>tu</i>	<i>vostê</i>
Grau (dêixis)	[-formal]	[+formal]
II	2PS	3PS
R	2PS	2PS

Porém, no galego falado existem ainda mais fórmulas, algumas intermédias, como o *ele* a meio caminho entre o *tu* e o *vostê* ou mesmo sintagmáticas, como *o tio/a tia*, comum com o português rural, das quais se fala pouco. De facto são sistemas paralelos que coabitam e, em muitos casos, com algum dos seus elementos em decadência.

2. O ESTADO DA QUESTÃO

A existência de *vostê* com diversas formas (*vostede*, *vusté*, *vustedede*) aparece em todos os dicionários galegos dos séculos XIX e XX antes que a normativa da RAG escolhesse *vostede*. Se darmos uma vista de olhos aos dicionários galegos recolhidos no *Dicionario de dicionários* da Universidade de Vigo², veremos

¹ No presente estudo utilizamos as formas do galego internacional. O pronome *tu* usa-se grosso modo na metade oriental da Galiza, enquanto *ti* é utilizado na metade ocidental. A respeito de *vostê*, na norma RAG é sempre grafado *vostede*. Este *vostê* é a forma usual em galego equivalente até certo ponto ao português europeu *você* que também é utilizada em textos escritos em galego internacional, mas que não existe em galego comum.

² Disponível em linha <<http://sli.uvigo.es/ddd/index.html>>

que todas elas aparecem. Para *vostê/vostede* há estas ocorrências³: Valladares (1884), Filgueira (1926), Carré (1928-1931), Carré (1933), Ibáñez (1950), Carré (1951), Franco (1972), Carré (1979). Para *vustê* há também bastantes ocorrências: Aguirre (1858), Rodríguez (1863), Cuveiro (1876), Valladares (1884), Porto (1900c), Acevedo (1932), Rodríguez (1958-1961) e Franco (1972)⁴.

Para além disso, as gramáticas contemporâneas do galego dedicam à questão dos pronomes de cortesia umas poucas linhas. Assim, a RAG nas suas *Normas* (2012: 88) diz:

As formas de cortesiason *vostede* e *vostedes*, que esixen verbo en terceira persoa de singular ou plural, respectivamente. A escolla a favor destas formas vén dada xa pola tradición escrita desde o século XIX. As formas tradicionais, hoxe dificilmente recuperables, eran *vós* e *el* (*ela, eles, elas*), aínda vivas en certas zonas.

A gramática do galego contemporâneo de Freixeiro Mato (2006: 212), provavelmente a mais completa e acurada, fornece pouca informação mais sobre a questão:

Hai restos vivos na fala do antigo uso de *el, ela, eles, elas* cando non se sabe ben o tratamento que lle dar a unha persoa (*El ten moito traballo, bótolle unha man?*); é un tratamento intermedio entre o de cortesia (*vostede*) e o de familiaridade (*ti*); *vós*, invariábel, referido a un interlocutor singular ou plural seguindo tamén o uso antigo, tende a desaparecer, reservándose para o trato con persoas de avanzada idade (*Vós chegastes esgotado, non si, avó?*). Pode producirse equívoco cando hai máis de un interlocutor (*Vós non estadesben de saúde*); o verbo vai sempre en segunda persoa de plural.

Existe ainda uma forma de tratamento de respeito, *o tío / a tia*, que é apenas referida como forma de tratamento sem muitas referências na literatura académica. Freixeiro Mato não fala dela e tão-pouco aparece nas *Normas* da RAG. Há apenas uma referência no VOLG na voz *tío*, terceira aceção⁵:

3. Tratamento de respecto que se lles dá ás persoas de certa idade nalgunhas partes. *Isto díxomo o tío Andrés e créolloben*. SINÓNIMO SEÑOR

O dicionário Estraviz⁶, o mais completo do galego, tão-pouco dá muita informação:

³ http://sli.uvigo.es/ddd/ddd_pescura.php?pescura=Vost%E9&tipo_busca=lema. Acesso em 23 de dez. 2017

⁴ http://sli.uvigo.es/ddd/ddd_pescura.php?pescura=vust%E9&tipo_busca=lema. Acesso em 23 de dez. 2017. Valladares e Franco recolhem as duas formas: *vosté* e *vusté*.

⁵ Disponível em linha <<http://academia.gal/dicionario/-/termo/busca/t%C3%ADo>>. Acesso em 22 de dezembro 2017.

⁶ Disponível em linha <<http://www.estraviz.org/tio>>. Acesso em 22 de dezembro 2017.

(3) Tratamento de respeito que se dá nas aldeias aos homens e mulheres de certa idade: *teu tio*, sem o artigo.

E aqui surge um problema de nomenclatura, visto que «forma de tratamento» pode referir-se quer ao vocativo, quer ao sujeito. No caso da fórmula *tio*, tem ambos os usos. É vocativo (amiúde sob a forma *ti*) em:

(1) *Tio, quer cear hoje connosco?*

Porém, trata-se de sujeito em:

(2) *O tio quer cear hoje connosco?*

Trataremos deste caso mais abaixo.

3. VOSTÊ/VOSTEDE

É a forma que todos os manuais de galego segundo a norma RAG recolhem como forma de cortesia, mas sob a forma *vostede*. Na língua falada, contudo, é mais comum *vostê*, plural *vostês*. No galego falado não se encontra *você*, embora esta seja a única forma que recolhe o dicionário Estraviz⁷ e seja a defendida por Costa Casas (1988:91) mesmo dentro do padrão do RAG.

Não há nenhuma dúvida de que a forma galega *vostê*, bem como a catalã *vostè*, têm origem na castelhana *usted*, como demonstrou para o galego J. L. Rodríguez (2000). Quando no século XVI se impõem as formas derivadas de *merced* em espanhol e *mercê* em português, o galego e o catalão, por estarem submetidos à influência do espanhol, adaptam a nova forma de cortesia resultante *usted* < *vuessa merced*. Em toda a Península Ibérica a forma de cortesia habitual fora *vós*, originariamente 2PP, que procede do latim vulgar originariamente de uso majestático.

O *usted* espanhol impor-se-á como forma de cortesia na Galiza lentamente sob a forma *vostê*, mas não aconteceu tão rápido como nos territórios de língua castelhana e até o século XX teve que coabitar com formas de tratamento locais. Durante o tempo que tem que ganhar o seu espaço e tem de competir com as outras formas de cortesia, o *vostê* adquire uma etiqueta que na altura podemos definir como [+urbano], de tal maneira que as outras formas de cortesia existentes no idioma são hoje vistas como [-urbano], para além de outros traços sociolinguísticos que definiremos mais abaixo.

A expansão do espanhol *vuessa merced* > (*v*)*usted* chegará além dos territórios ibéricos, visto que com o apoio do catalão chegará até a Sardenha, território com forte influência linguística do espanhol e do próprio catalão por ter

⁷ <<http://www.estraviz.org/voc%C3%AA>>

Cuja estrutura é respetivamente:

GL	Dêixis	Referência	Paradigma
<i>vós</i>	[-formal]	2PP	2PP
<i>vostê</i>	[+formal]	2PS	3PS
<i>vostês</i>	[+formal]	2PP	3PP

Porém, a entrada do *vostê* vai terminar com formas intermédias que no galego atual estão em decadência.

No entanto, existe ainda em galego o *vós* de cortesia, embora se esteja a perder. Usa-se, porém, em zonas do ocidente corunhês (Olmo 2012:145), no Concelho da Fonsagrada em Lugo e no portugalego de Xalma em Cáceres (Frias, 1999). Nestas zonas, encontramos um muito arcaizante, onde o exemplo (3) está em vigência. O sistema, para estas zonas, resulta:

GL_Xalma	SG		PL
[-formal]	<i>tu</i>	[±formal]	<i>vós</i>
[+formal]	<i>vós</i>		

De facto, este é o sistema medieval conservado nestas áreas e que se remonta ao latim vulgar⁸. Em catalão, como em galego, a entrada da forma importada do castelhano está a acabar com a forma *vos* de cortesia. Nesta língua, a criação de uma forma *vosaltres* (paralela à espanhola *vosotros*) permitiu distinguir

⁸ Como já mencionámos antes, este é ainda o sistema do francês. Responde ao seguinte esquema:

	SG	PL
[+formal]	<i>tu</i>	<i>vous</i>
[-formal]	<i>vous</i>	<i>vous</i>

Pela grande influência que teve a língua francesa em Europa, as formas de cortesia de género francês expandiram-se por muitos outros países. Assim, quase todas as línguas eslavas seguem o padrão francês para a formação das formas de cortesia, como por exemplo o checo, o eslovaco ou o russo:

CS-SL	SG	PL
[+formal]	<i>ty</i>	<i>vy</i>
[-formal]	<i>vy</i>	<i>vy</i>

RU	SG	PL
[+formal]	<i>mbi</i>	<i>ebi</i>
[-formal]	<i>ebi</i>	<i>ebi</i>

vosaltres [–formal] de *vós* [+formal]. De facto, no padrão catalão atual mantém-se um sistema com duas formas de cortesia:

	Dêixis	Referência	Paradigma
<i>tu</i>	[–FORMAL] [+COLOQUIAL]	2PS	2PS
<i>vós</i>	[+FORMAL] [–COLOQUIAL]	2PS 2PP	2PP
<i>vostè</i>	[+formal] [+coloquial]	2PS	3PS
<i>vostès</i>	[+FORMAL] [+COLOQUIAL]	2PP	3PP

A diferença principal entre *vós* e *vostè(s)* encontra-se, portanto, em que a primeira é uma forma hoje apenas administrativa e a segunda é usada na língua corrente. Contudo, na língua padrão também se tencionou manter um sistema de três graus, onde *vós* estaria entre *tu/ vosaltres* e *vostè(s)* (Lacreu 2002:189-190), mas que não calhou na língua falada.

Como já vimos acima, Freixeiro Mato (op. cit.) insiste no valor de *vós* como forma rural e frequente para se dirigir às pessoas idosas. Acharmos que esta última afirmação não é exata, mas trata-se simplesmente da forma de cortesia. Ora bem, a sua redução aos ambientes rurais é recente, deslocada por *vostè(s)* como já assinalámos.

É difícil apreciar se o uso de *vós* aparece como fórmula de cortesia nos dicionários históricos. Em Rodríguez (1958-61: s.v.) diz: «Pronombre personal de segunda persona en género masculino y femenino y **número singular y plural**: *Non vos digo que non; non vos fan caso*» [negrito nosso], que poderia ser interpretado que, com efeito, se trata de uma forma de cortesia por falar do seu uso tanto no singular quanto no plural. A sua definição é copiada por Franco Grande (1972: s.v.) até com os mesmos exemplos.

Este uso do *vós* em galego é uma forma de cortesia, mas em nenhum caso é um uso equivalente ao voseio do espanhol americano.

5. ELE(S), ELA(S)

O uso de *ele* como pronome de cortesia também tende a desaparecer em galego, pois é considerado uma forma rural, como *tio/a*, mas não é exclusiva da Galiza. Zamora Vicente (1967: 203) recolhe-a em asturo-leonês e judeu-espanhol (id. 283), chegando mesmo a terras de Ávila ainda no século xx. Mais recentemente, é documentada no sendinês (Merlan 2010: 228)

Este uso de *ele* tem certo paralelismo com a forma portuguesa europeia de uso do nome próprio como forma de tratamento, como em:

(7) *A Maria⁹ vai tomar o café connosco?*

Este exemplo fica à metade entre:

(8) *(Tu) vais tomar o café connosco?*

(9) *(Você) vai tomar o café connosco?*

(10) *A senhora vai tomar o café connosco?*

Estes quatro níveis próprios do português europeu requerem uma complexidade maior de etiquetas para a sua dêixis:

PT_EU	Dêixis	Referência	Paradigma
<i>tu</i>	[-FORMAL] [-RESPEITO] [+CONHECIDO]	2PS	2PS
<i>(nome próprio)</i>	[-FORMAL] [+RESPEITO] [+CONHECIDO]	2PS	3PS
<i>você</i>	[+FORMAL] [+RESPEITO] [+CONHECIDO]	2PS	3PS
<i>a senhora</i>	[+FORMAL] [+RESPEITO] [-CONHECIDO]	2PS	3PS

No caso galego são apenas três, com uma dêixis mais simple:

GL	Dêixis	Referência	Paradigma
<i>tu</i>	[-FORMAL] [-RESPEITO]	2PS	2PS
<i>ele /ela</i>	[-FORMAL] [+RESPEITO]	2PS	3PS
<i>vostê</i>	[+FORMAL] [+RESPEITO]	2PS	3PS

⁹ O uso de um SN, que como nome próprio, quer como nome comum, em função de sujeito e com valor de forma de tratamento é chamado por nós **pronominalização espontânea**. Em português europeu é feito com o nome próprio, mas no espanhol de Bogotá, por exemplo, é habitual com a profissão: *¿El profe se viene a tomar café connosotros?*

Existe uma diferença importante entre sistema galego e o português europeu. No primeiro caso, trata-se de um sistema compensado entre singular e plural, enquanto no segundo é descompensado:

GL	SG		PL	
[−FORMAL] [−RESPEITO]	<i>tu</i>		<i>vós</i>	
[−FORMAL] [+RESPEITO]	<i>ele</i>	<i>ela</i>	<i>eles</i>	<i>ela</i>
[+FORMAL] [+RESPEITO]	<i>vostê</i>		<i>vostês</i>	

PT_EU	SG		PL
[−FORMAL] [−RESPEITO] [+CONHECIDO]	<i>tu</i>	[±FORMAL] [±RESPEITO] [±CONHECIDO]	<i>vocês</i>
[−FORMAL] [+RESPEITO] [+CONHECIDO]	SN		
[+FORMAL] [+RESPEITO] [+CONHECIDO]	<i>ocê</i>		
[+FORMAL] [+RESPEITO] [−CONHECIDO]	<i>a senhora</i>	[+FORMAL] [+RESPEITO] [−CONHECIDO]	<i>as senhoras</i>

Contudo, o sistema atual tende a eliminação desta forma intermédia para ficar reduzido a um sistema de dois graus:

GL	SG	PL
[−FORMAL]	<i>tu</i>	<i>vós</i>
[+FORMAL]	<i>vostê</i>	<i>vostês</i>

Este sistema é idêntico ao do espanhol padrão europeu e não cabe dúvida que a influência da língua castelhana foi imensa para a sua fixação.

6. O TIO ~ A TIA

Finalmente, a última das formas que nos interessa tratar como de tratamento é o SN *o tio* com a sua correspondente forma feminina *a tia*. Neste caso, trata-se também de uma forma que existe em português e que também se reduz aos ambientes rurais, «às aldeias». Eu próprio tenho ouvido esta forma ainda nesta década em Trás-os-Montes.

A forma *o tio latia* está ainda mais estendida na Galiza como vocativo. Provavelmente do seu uso como vocativo passou para o seu uso como sujeito. É também muito complicado seguir o rasto do seu uso como forma de tratamento nos dicionários, os quais, por norma, se referem a ela como um «tratamento de respeito» para se dirigir a uma pessoa idosa, como faz o Estraviz (s.v.) e também o resto de dicionários históricos (Rodríguez 1958-61; Franco 1972; Carré 1979: s.v.)

Há também um notável paralelismo, pelo menos em português, como o desenvolvimento do sintagma *o senhor/a senhora* que se gramaticalizou até se tornar uma forma de cortesia. De facto, as formas de cortesia são em muitos casos processos de gramaticalização, que podem ficar no primeiro estágio —o SN, como em *o senhor, o tio, a gente* (PT_BR)—, ou alcançar um segundo nível e pronominalizar-se, como *você* (<*vossa mercê*>).

Já acima mencionámos que sendo *o tio* uma forma de tratamento de vocativo, passo a ser utilizado como sujeito como gramaticalização do SN. Ambos os usos vivem juntos ainda em todo o domínio português europeu em âmbitos rurais, como já foi dito, mas interessa ver qual o processo de gramaticalização.

Foi primeiro o vocativo, como em:

(11) *Ó ti(o)*¹⁰, *pro quer vir almoçar connosco na casa?*

Daí passou para o sujeito, para o qual requereu do artigo

(12) *O tio quer vir almoçar connosco na casa?*

Sintaticamente, a frase 11 é representada assim:

VOC	SUBJ	PRED	OBJ
<i>Ó ti(o)</i>	<i>pro</i>	<i>quer</i>	<i>almoçar connosco na casa?</i>

VOC	SUBJ	PRED	OBJ
<i>Ti(ø)</i>	<i>O tio</i>	<i>quer</i>	<i>almoçar connosco na casa?</i>

¹⁰ A redução de *tio* e *tia* para *ti* nas formas de tratamento é muito frequente em todo o galego.

7. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS FORMAS DE CORTESIA EM GALEGO

Fora do português, existem mostras de gramaticalização das formas de cortesia em toda a parte, como por exemplo o polaco *pan* (fem. *pani*), que de facto significam [o] *senhor* e [a] *senhora* respetivamente, com um paradigma de terceira pessoa. A mesma situação encontra-se no árabe egípcio, que desenvolveu uma forma de cortesia inexistente no árabe clássico, através de *حضرتك*, que é também um SN, embora com um sufixo possessivo.

Este processo ajuda a entender como funciona o processo de criação das formas de tratamento. Dentro do galego, teríamos as seguintes fases:

1. Uso do plural para expressar a cortesia em singular
2. Uso da 3P para expressar a cortesia na 2P
3. Substituição de um pronome por um SN que se gramaticaliza
4. Gramaticalização do SN que pronominaliza

GL	[-formal]	[+formal]				
		SG > PL	2P > 3P	PRN > SN	SN > PRN	
Proto-romance	<i>tu/ti</i>	<i>vos</i>				
Medievo	↓					<i>ele, ela</i>
S. XVII				<i>o tio, a tia</i>		
S. XXI						

8. A ETIQUETAGEM DAS FORMAS DE TRATAMENTO GALEGAS

À vista das quatro formas de cortesia apresentadas no gráfico anterior, é preciso caracterizá-las com etiquetas, pois até podem coabitar várias delas num mesmo território e serem usadas pelo menos três delas por um mesmo falante. Para além das etiquetas habituais de [±formal], é preciso apresentar mais algumas que expliquem as diferenças de uso do ponto de vista pragmático e sociolinguístico.

Na seguinte tabela apresentamos todas as formas apresentadas até agora para o galego

GL	Dêixis (G.º)	R	II
tu	[-FORMAL] [-IDADE] [-RURAL] [+PRÓXIMO]	2PS	2PS
ele, ela	[-FORMAL] [-IDADE] [-RURAL] [-PRÓXIMO]	2PS	3PS
vós ₁	[+FORMAL] [+IDADE] [-RURAL] [-PRÓXIMO]	2PS	2PP
o tio, a tia	[+FORMAL] [+IDADE] [+RURAL] [-PRÓXIMO]	2PS	3PS
vostê	[+formal] [-idade] [-rural] [-próximo]	2PS	3PS
vós ₂	[-FORMAL] [-IDADE] [-RURAL] [+PRÓXIMO]	2PP	2PP
eles, elas	[-FORMAL] [-IDADE] [-RURAL] [-PRÓXIMO]	2PP	3PP
vós ₃	[+FORMAL] [+IDADE] [-RURAL] [-PRÓXIMO]	2PP	2PP
os tios, as tias	[+FORMAL] [+IDADE] [+RURAL] [-PRÓXIMO]	2PP	3PP
vostês	[+FORMAL] [-IDADE] [-RURAL] [-PRÓXIMO]	2PP	3PP

No portugalego de Xalma, o *vós* de cortesia, é, como já foi dito, a única forma de cortesia e não tem de ser contrastada com outras formas formais.

Porém, a tabela anterior não define completamente a riqueza das formas de tratamento. Até cá temos falado em paradigmas (II) só para nos referir aos paradigmas verbais. Porém, os paradigmas que afetam às formas de tratamento referem-se também aos clíticos e aos possessivos. Estes são elementos cruciais que devem ser estudados para compreender a natureza das formas de tratamento em galego ou em qualquer idioma. Portanto, quando falamos em 3PS ou 2PS para os verbos, é isso também extensível aos clíticos e possessivos? No caso do galego, sim. Para além de *tu* e *vós*, o resto das formas seguem o paradigma da 3P também quanto aos clíticos e os possessivos.

Porém, não é sempre assim noutras partes do portugalego, existem algumas exceções. A primeira encontramos-la no português do Brasil, onde com *você* (II verbal de 3P) pode aparecer opcionalmente um clítico *te* (2PS) e um possessivo *teu* (2PP):

(13) *Você* (II3PS) *pegou teu* (II2PS) *livro?*

Também é assim com *a gente*, (II verbal de 3PS, R de 1PP), com o qual é possível usar o possessivo *nosso* (II 1PP):

(14) *A gente* (II3PS) *não fez nosso* (II1PP) *dever*

No português padrão de Portugal as coisas são muito mais confusas com a forma *vocês*. Deu-se uma mistura dos paradigmas pronominais de *vós* e *vocês* até se fundirem. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (15) *Vocês* (II3PP) *trouxeram* (II 3PP) *os vossos* (II 2PP) *vestidos?*
- (16) *Vocês* (II3PP) *lembraram-se* (II3PP) *disso?*
- (17) *Pediram-me para vos* (II 2PP) *guiar pela cidade.*
- (18) *Ninguém se lembra de vós* (II 2PP) */vocês* (II3PP).
- (19) *Ficarei um bocadinho cá convosco* (II 2PP) */ com vocês* (II3PP).

9. CONCLUSÕES

O sistema das formas de tratamento galego é muito mais complexo do que aparenta. Neste estudo não aprofundámos nos usos pragmáticos e sociais que têm cada uma delas. Portanto, não nos aproximámos da realidade do uso das formas de cortesia na fala real hodierna. Embora seja evidente que o uso de *tu/ti* avança em galego, é preciso fazer estudos que visem entender qual o alcance da mudança dos usos linguísticos. Cá contentámo-nos com apresentar as formas próprias do galego, vendo que muitas delas existem, seja no próprio diassistema (por exemplo, o uso de *o tio/a tia*) em Portugal, seja nos domínios vizinhos (por exemplo o uso de *ele, ela* em asturo-leonês e até em espanhol ibérico).

Foi preciso estabelecer novas etiquetas para individualizar cada uma das formas ditas de cortesia, porque o uso de *ele/a* é distinto do uso de *o tio/a tia*. O sistema de etiquetagem que utilizamos serve bem para estes propósitos, embora, como já indicámos, fica muito caminho a percorrer.

Infelizmente, temos também que constatar que todos os sistemas e sub-sistemas de formas de tratamento que historicamente teve o galego ficam reduzidos a dias de hoje a um sistema que é um decalque do espanhol. Apenas as formas *tu/ti*, *vós* e *vostê* sobrevivem e são as que fazem parte do sistema de tratamento da imensa maioria dos falantes de galego, enquanto *ele/a*, *o tio/a tia* e o *vós* de cortesia são já desconhecidos para a maioria dos falantes mais novos.

É preciso também salientar que a forma de cortesia historicamente mais neutra do ponto de vista pragmático em galego, mesmo ainda até o século xx, antes da generalização de *vostês* foi *vós*, conservada em ilhós no território de língua galega e no enclave de Xalma em Cáceres. Assim o demonstra o seu uso na poesia de Rosalia de Castro nos seus Cantares Gallegos, 124:

*e sendo vós tan sabia,
nunca de vó-lo pensara,
que de tan alto baixando
vos emporcases na lama;
nin que chamándovos nobre,
tanta nobreza enfouzaras
imitando os que vaidosos
no que está débil se ensañan.*

(...)

*Si fun curpabre en quereros
coma ningún vos amara,
por ser de terra gallega
e serdes vós castellana,
en paz, señora, vos deixo
ca vosa soberba gracia,
e voume a Galicia hermosa
dond'en xuntanza m'agardan
o que no tendes, señora,
i o qu'en Castilla n'achara*

BIBLIOGRAFIA

- Acevedo y Huelves, B + Fernández y Fernández, M. (1932) *Vocabulario del bable de occidente*, Oviedo.
- AguirredelRío, L. (1858) *Diccionario del dialecto gallego*, ed. de Carme Hermita Gulías, CSIC-IPS, 2007
- Calvo del Olmo, F. J. (2011) «Sobre la gramaticalización de los tratamientos nominales en las lenguas românicas: paralelismos e influencias», *Caligrama, Revista de Estudos Românicos* 16-2, pp. 131-153. Disponível em linha. <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/1622>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- Carré Alvarellos, L. (1928-1931) *Diccionario galego-castelán*, 1.ª ed., Lar, A Coruña, 1926-1931
- Carré Alvarellos, L. (1933) *Diccionario galego-castelán*, Segunda Edizón, A Coruña, Roel
- Carré Alvarellos, L. (1951) *Diccionario galego-castelán*, Terceira Edizón, A Coruña, Roel
- Carré Alvarellos, L. (1979) *Diccionario galego-castelán e Vocabulario castelán-galego*, A Coruña, Moret

- Costa Casas, X.X. et alii (1988) *Nova gramática para a aprendizaxe da lingua*, Corunha, Via Láctea.
- Cuveiro Piñol, J. (1876) *Diccionario Gallego*, Barcelona
- Estraviz, I. (s/d). *Dicionário Estraviz*, em linha: <www.estraviz.org>
- Fernández Rodríguez, M. (2003) «Constitución del orden social y desasosiego: pronombres de segunda persona y fórmulas de tratamiento en español», *Pronombres de segunda persona y formas de tratamiento en las lenguas de Europa. Coloquio de París*. CVC. Disponível em linha: <https://cvc.cervantes.es/lengua/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_fernandez.pdf> Acesso em: 22 de dez. 2017.
- Filgueira Valverde, X + Tobío Fernandes, L. + Magariños Negreira A e Cordal Carús, X. (1926) *Vocabulario popular castelán-galego* (publicado por entregas en El Pueblo Gallego)
- Franco Grande, X.L. (1972) *Diccionario galego-castelán*, 2.^a ed., Galaxia, Vigo.
- Freixeiro Mato, X.R. (2006) *Gramática da Lingua Galega. II Morfosintaxe*, Vigo, Promocións Culturais Galegas.
- Frias Conde, X + Uruburu Rodríguez, M. (2017) *Las formas de tratamiento*, Toledo, Ianua Ed.
- Frias Conde, X. (1999) *O galego exterior às fronteiras administrativas*, VTP, Gijón.
- Frias Conde, X. (2011) «Revisitando o sistema dos pronomes de cortesia no diassistema galego-português», *RLCGV*, XVI, pp. 113-124.
- Ibáñez Fernández, J. (1950) *Diccionario galego da rima e galego-castelán*, Madrid
- ILG (s/d) *Diccionario de dicionário*, disponível em <<http://sli.uvigo.es/ddd/index.html>>
- ILG/RAG (2012) *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*, Vigo, Galaxia.
- Lacreu, J. (2002): *Manual d'ús de l'estàndard oral*, València, Universitat de València.
- Merlan, A. (2010) «Sistemas de tratamento en variedades astur-leonesas», *Homenaxe al professor XoséLluis Garcia Arias*, tomo I, ALLA, Oviedo, pp. 217-242
- Pintos Villar, J.M. (1865) *Vocabulariogallego-castellano*, ed. de Margarita Neira e XesúsRiveiro, A Coruña, RAG, 2000
- Porto Rey, F. (1900) *Diccionario gallego-castellano*, ed. de María Xesús Bugarín e Begoña González Rei, A Coruña, Real Academia Galega, 2000
- Rodríguez González, E. (1958-1961) *Diccionario enciclopédico gallego-castellano*, Galaxia, Vigo

-
- Rodríguez, F. J. (1863) *Diccionario gallego-castellano*, ed. de Antonio de la Iglesia González, A Coruña
- Rodríguez, J.L. (2000): «Para um perfil das formas de tratamento: vostede/vostê... você», *Estudos dedicados a Carvalho Calero*, I, *Linguística*. pp. 847-883.
- ValladaresNúñez, M. (1884) *Diccionariogallego-castellano*, Santiago, Imp. Seminario Conciliar
- Zamora Vicente, A. (1970) *Dialectología española*, Madrid, Gredos.